



# O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO  
ESTEVÃO DE CARVALHO  
SECRETARIO DA REDACÇÃO  
JULIO DUMONT (ORLANDO)  
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHO GRAFADO  
NA "EDITORIA" L. CONDE BARREIRO, 50-11580A

REDACÇÃO  
E  
ADMINISTRAÇÃO  
R. da CRUZ, 200 - POYAC'S, 84, 3.º E.  
LISBOA

ASSIGNATURAS  
ANNO ..... 1000 REIS  
SEIS MEZES ..... 500  
TRES MEZES ..... 300  
NUMERO AVULSO 20 REIS  
ANUNCIOS - PREÇO CONVENCIONAL

N.º 59

ANNO 2.º

Terça feira, 13 de abril de 1909

## QUEM CONTINUA POR BAIXO



S.S.

MAIS UMA VEZ TE FUGE A CONEZIA  
MINISTRO NÃO É MAIS O ZÉ MARIA !



# CHRONICA

## Um paralelo

Encontram-se jubilosos, os anarchistas. Os factos começam a dar-lhes razão e não temos duvida em afirmar que a presenté crise politica seja superior, em resultados proficuos, á propaganda do sr. Campos Lima e do sr. Emilio Costa.

Com effeito, que querem os anarchistas?

A suppressão do governo. Para esses architectos de um futuro melhor, toda a auctoridade é um crime, uma violencia feita á vontade humana, crime e violencia desnecessarios, porque, segundo elles, um estado de perfeita egualdade é muito possivel, até nos tempos mais chegados. A idéa da anarchia, portanto, no entender de numerosas pessoas honestas e bem intencionadas, é, não só uma idéa util, mas uma idéa viavel.

Isso colloca em sobresalto algumas classes da sociedade. A aristocracia, ou o bando que a si mesmo passou a dar o epitheto de aristocrata, o clero, a burocracia, a burguezia, emfim, riem dó que elles chamam a loucura dos acratas. E, como o riso não é sufficiente, vão atirando sobre as costas dos utopistas toda a serie de monstruosos attentados, que ás vezes abalam as rumações sociaes. O anarchista não é só um doido; é tambem um criminoso. Com esta consoladora certeza, a finança fecha as suas burras complicadas e disserta com o vizinho ácerca das transacções da Bolsa. E o mundo continúa o seu giro. A lei de 13 de fevereiro continúa a ser uma instituição nacional e a ilha de Timor a ser um emparedamento commodo dos rebeldes incorrigiveis. Volta e meia, o ruído das bombas de pataco, abalando as ruas de Barcelona, vem justificar os processos conservadores e attrahir sobre a cabeça dos inimigos da Ordem os tropos coruscantes de alguns philantropos bem jantados. A palha do Existente continua a manter prenhes as mandjedouras do Estado; os reis dão-se as mãos em alianças cordeaes e o thuribulo dos poetas monarchistas eleva o incenso de uma ode entusiasta, pejada de adjectivos e redundancias capitosas. A Europa dá a idéa de um longo

banquete de gente feliz, presidido pelo Czar das Russias, com brin-des significativos á sobremesa e de cujas victualhas são relegados os anarchistas, cabeças cheias de chimeras e mãos cheias de dynamite.

Pois bem! o governo portu-guez, ou, por outra, a sociedade portu-gueza, veio demonstrar que os discipulos de Malato e Malatesta não tinham tão pouca razão como isso. A presente crise foi uma especie de prova de que aquelles que pedem a suppressão da aucto-ridade não se fundam em conje-cturas mais ou menos provaveis, mas n'uma certeza absoluta e matematica.

Está a dar-se no nosso paiz o mesmo, approximadamente, que se deu em França ha cento e tantos annos. Antes da fuga de Luiz XVI, os revolucionarios, ainda os mais exaltados, não podiam com-prehender que uma nação exten-sa, governadas ha dezenas de sé-culos por uma monarchia, pudesse passar, sem perigo de maior, a cingir-se á formula republicana. Luiz XVI, a instancias de sua mulher e receoso de La Fayette, que o tinha encerrado nas Tuilleries, faz a tremenda imprudencia de fugir. Prendem-n'o em Varennes; mas, o espaço decorrido, entre a sahida e a entrada em Paris, foi suffi-ciente para provar aos francezes que os negocios, nem pelo facto de não haver rei, corriam peor. E assim nasceu verdadeiramente em França o espirito republicano.

Ora, o que se deu em França no seculo XVIII, está a dar-se, com pouca differença, no Portugal do seculo XX. A França passou dias sem o rei; nós passámos dias sem governo.

Depois da queda do sr. Cam-pos Henriques — eu sei lá — tem havido mais difficuldades em cons-tituir governo do que em fazer girar o globo do Oriente para o Occidente. Custa mais a organizar um ministerio do que a proceder á mudança de regimen.

Em quanto se realiza o inter-regno ministerial, verificam os jornaes que o credito do nosso paiz vae subindo lá fóra e que a tranquillidade dos cidadãos vae augmentando cá dentro. Nem a libra encarece, nem o sr. João Chagas pensa em preparar uma revolução para liquidar ainda este anno as instituições.

Portugal, pois, começa a ter a

consciencia de que, sem governo, se vive perfeitamente bem. A França dispensou o poder moderador; Portugal pode dispensar, não só o moderador, mas os seus collegas executivo e legislativo. Principiamos a comprehender que o nosso povo se governa melhor sem governo. O governo é, no organismo social, o mesmo que é o appendice no organismo huma-no. Só serve para produzir compli-cações.

Os revolucionarios disseram em França — «Viva a Republi-ca!» quando viram o throno vago. O sr. Bartholomeu Constantino, ao ver o Terreiro do Paço vasio, grita da Outra Banda — «Viva a Anarchia!»

E. de C.

## Os sete sentidos

II

Eu 'stava p'ra cantar o narigão  
julgando que lá ia o D. Beirão,  
mas visto que vae lá a concentração  
eu tenho que cantar Sebastião!

Assim ficou pois feita a solução  
que *óspois* redundará em fiasção,  
e embora elle lá fique ou vá ao chão  
chamar-se-ha o governo da Paixão.

'Star lá ou 'star no chão o grande Telles  
general Tira-Pelles, Felix Queles,  
é bem a mesma coisa, hão de convir,

mas, qual Sebastião sem captivo  
lá virá a manhã de neveiro  
em que o Zé protestando elle ha de *Ouqir!*

Viu-se-Grego.

O W. foi agraciado com a Torre e Espada.

Mercida recompensa.

Ha porém más linguas que dizem que lhe ficava melhor uma espada n'uma torre!

## Centro eleitoral Republicano d'Alcantara Dr. Bernardino Machado

Este poderoso baluarte republicano promove no proximo domingo, 16 de maio, uma excursão a Torres Vedras, onde se realizará uma sessão de propaganda.

Além do patrono do Centro, o illustre cidadão dr. Bernardino Machado, dignam-se acompanhar esta excursão alguns dos vultos mais importantes do Partido Republicano, assim como a excellente banda da Sociedade Philarmonica Alumnos Esperança.

Os bilhetes encontram-se desde já á venda na séde do centro e nos demais centros republicanos, ao preço de 1.000 réis em 2.ª classe e 800 réis em 3.ª, podendo o pagamento ser feito em prestações.



## Animatographo... vivo

Um nosso bom amigo perguntou-nos na sexta feira de paixão:

— Como receberá o *blóco* o novo grupello Felix Telles?

A pergunta tem dente de coelho. E' o X d'um problema, um ponto de interrogação.

Ao X respondemos com um Y—: Haverá no *blóco* coragem para resistir a certas *influencias*?

Pela nossa parte estrondeamos um *não* que se ha de ouvir muito para lá da Moita.

Não affirmamos a nossa supposição, mas o *blóco* mette se agora em *cópas* e talvez reapareça d'aqui a tempos em segunda edição mais correcta e augmentada.

E' o que nos parece.

Posto n'um valente *fóco*  
Ante a *Esfregueiral* acção,  
Surgiu como um raio o *blóco*,  
Enorme, teso, pimpão.  
Havia alli ambição,  
Do pennacho, o que não *cóco*.  
Ou era apenas razão?

Em meudos não o *tróco*.

A famosa "liga da Arcada de Londres, anda agora a remetter prospectos solicitando socios, porque, ao que se diz, aquelle *fungáá* está precisando de executantes como de pão para a bocca.

Qualquer dia põe cartazes pelas esquinas com estampas a côres e manda pôr um carrinho nas ruas com distribuição de discursos do padre Mattos e outros.

Que sejam muito felizes na sua propaganda.

Que tenha a famosa liga  
Muitas sessões a seguir  
Sem que "rebente a bexiga",  
Ella é boa rapariga  
E, palavra, só faz rir!

Dizem-nos de Tortozendo que fecharam alli as escolas porque o governo não paga as rendas das casas ha dois e tres annos.

Pudera!  
Se fosse para se fazer qualquer festa, procissão ou recepção a qualquer pessoa da *alta* havia dinheiro para o dobro ou o triplo da despeza e todos ficavam a rir.

Assim, como se trata de instrucção, é *calote* que ferve!

P'ra pagar ao professor  
Não, senhor,  
Não ha mesmo nem vintem,  
Mas p'ra festas e festanças,  
Outras danças  
Sempre ha tudo, sim senhor!  
Ha *massinha* e de valor.

ORLANDO.

Dizem que o Felix Telles apanhou o pennacho por influencia de saias. Não sabiamos que tambem ellas tinham d'isso.

A enxotar o grupello W. C. o *Dia* escrevia *Basta* e as *Noridades* diziam: *Liquidem depressa*.

Exactamente.

*Basta* de *frandolyrios* politiquieiros e toca a liquidar, trespassando por qualquer preço o regimen.

Mesmo de graça vae, e até... é favor!

## Se era

Tanta afflicção para arranjar ministros e as olarias paradas.

Não era uma bella occasião de debellar a crise dos oleiros?

## Nunca mais

O sr. D. Miguel resolveu não vir dar-nos a honra da sua visita.

Temos pena.

Já tínhamos pedido um bilhete para ver armar a forca... e ficámos codilhados.

Pouca sorte.

## BELISCÕES

Apre!  
Ainda bem que já acabou a semana santa.

Safa!

Ora os meus leitores amigos sabem o que me aconteceu quando foi a minha estreira cá na redacção, devido ao que o brejeiro do Estevam disse de mim.

Aquella piada, que eu que era dotado de muita *verve*.

O diabo das mulheres não sei o que ellas imaginaram que era a tal *verve*, que não me largavam o badalo da porta.

Pois agora na Semana Santa, foi outro castigo. Todas queriam a minha companhia.

Uma, p'ra ir ao sermão,  
Outra, vêr os confeitheiros,  
Outra amendoas e canellão  
.....  
E eu com poucos dinheiros.

Fui c'oa Micas a S. Roque  
C'o a Julia á Encarnação  
E tambem dei um reboque  
A' D. Brites Beltrão.

Por fim fui ás *capellinhas*  
C'o a minha mais adorada  
Comer as bellas sardinhas,  
Por ser ceia apropriada.

Bebemos tres *meias latas*,  
De vinhinho de tostão  
E fomos ao café *das gatas*  
A's portas de Santo Antão.

Muito tristes temos nós andado por não haver ministerio!

A nós tem feito um transtorno incalculavel.

O Silva e Souza anda mesmo impossivel de se aturar.

Quer fazer bonecos!

Quer fazer parodia!

Quer apearinar!

Quer ministros.

Ponham-lhe para alli ministros, senão elle endoidece.

Depois do sr. D. Manuel não ha ninguem que mais deseje ministros do que o nosso Silva e Souza.

Está damnado!

O sr. dos Navegantes tenha compaixão d'elle e lhe depare sete peccados ou, quero dizer, sete conselheiros para allivio dos seus tormentos.

Porque seria que prohibiram a procissão de Ramos?

Seria por lhe chamarem a procissão dos nus?

Ai, filhos! Se foi por isso, d'aqui a dois dias não anda ninguem pelas ruas.

Isto por cá está uma fartura de miseria, que anda tudo sem camisa.

Estamos aqui estamos prohibidos de sahir á rua.

Zé DA HERDADE.

## Um alvitre

Ha dias um amigo (e não petiz) Commigo conversando, muito a sério, Disse que p'ra formar um ministerio Já não se encontram homens no paiz.

Que tudo anda n'um mal, *desinfelis*,  
E já não ha vergonha nem criterio,  
E que em tudo isto ha grande mysterio  
E vamos *parar perto* ahi se diz.

Não sei bem definir esta contenda que é algo complicada, mas emfim talvez que possa ter alguma emenda:

— O collega *Rosejano Amorim* deve ser bom ministro da fazenda, e para a pasta do reino... vae o *Tim!* \*

NOMOR.

\* Para reinar com a gente,  
É prudente... intelligente.

N. R.

Sabem quem assassinou a pobre mulher na rua dos Alamos?

A policia já descobriu que foi o... assassino.

## Um conselho

Tu, Beirão, pobre vegête,  
Não te fies no Luciano  
Para formar gabinete,  
Não caias mais n'outro engano.

Bem te lembrás que ha bem pouco  
A tal pedido accedeste;  
Por causa d'esse Bacôco  
Cinco dias não comeste.

Deixa a malta sem criterio,  
Esses mandões entrevados,  
Vem tornar-te um homem serio  
Nos partidos avançados.

Se te quizeres filiar  
N'esse contracto já entro;  
Até te arranjo um logar:  
Para continuo d'um Centro.

STYL.

Quem é que disse para ahi que o *Estrumeira* cahiu por vergonha?  
Elle nem de nome a conhece.

## Lerias...

Ora até que emfim respiro  
Livre d'um caso sinistro;  
D'esta vez, o que eu admiro,  
Não me ferraram o *tiro*  
D'um convite p'ra ministro!

Tinha fugido p'ró Porto  
Sem malas e sem merenda,  
Pois sabia, ó caso torto,  
Que era eu quem ficava morto  
Com a pasta da fazenda.

Olhem lá que brincadeira,  
Que mania de má fé  
Darem a pasta brejeira!  
Ser successor do *Esfregueira*  
Lib'ra nós et dominé.

OSCAR.



ALLELUIA!... ALLELUIA!!!!



TÃO SUBITA APPARIÇÃO ATÉ FEZ PERDER A FALLA AOS MELHORES PAPAGAIOS DA OPPOSIÇÃO... ETERNA.



## Sôr Redaitor

Tenho dado mais coices cu macho da carroça do Zé da Charneca.

Olhe ca vomecê nan imagina o raio dos ingulhos en ca ê ténho andado p'ró via do culega lá da redaição ca teve a aquella de prantar no papel ca ê cá nan tinha pementa!?

A comparar-me com u Bacôco!

O' sê alma d'um macho; venha ca ver a aldêa, ca ê mostro-le a minha fazenda e a minha cachopa le derá se ê ca tenho pementa ou nan ténho. Ora o raio do home! E cá féturo ca quillo toi lôa botada pelo sor Pixariné.

Olé sa foi.

Peço-le ca la diga a elle ca nan ma bote mais aquellas; e vomecê arreceba saiodades do sê

MANEL CEGUINHO.

Oliveirinha da Ronha, logar da Fronha.

11-4-909.

## Só a pau!

Apita, povinho, apita,  
Põe-te álerca quando não...  
Pois esta seita maldita  
Trata da tua massita,  
Sem dar contas á nação!

Vês-te grêgo (1) com certeza,  
Decerto te vês em tálas;  
O Espregueira rouba á teza,  
Emquanto tu sem firmeza,  
Aturas isto e te calas!

Viu-se-á-brúxa.

(1) Sem offensa ao collega da redacção.

Um jornal manda passeiar o *Es-fregueira* d'aqui para bem longe... Nós mandavamol-o passeiar, mas era para o edificio do alto da Avenida, e havia de ser com a cara tapada, por causa da vergonha...

## Musa vermelha

IV

A' solta!...

Foi-se embora o Espregueira *adiantado*,  
Heroe da trapallice e palmação,  
Por isso veste galas a nação,  
E o Zé 'té fica todo consolado...

Não foi, como devia, encarcerado,  
Não teve como premio uma prisão,  
E anda a passear o figurão,  
Como qualquer sujeito muito honrado...

A'manhã fará novas traficancias,  
Intrujices, trapaças, manigancias,  
Sem que vá passear 'té ao 'starim...

.....  
Mas logo será preso e maltratado,  
Por andar discursando embriagado,  
O grande *malandrão* chamado *Tím!*...

REI LUSO.

## Assim é que é!

A final todos os partidos apoiam o novo governo.

Todos não, excepto os dissidentes alpinistas! O blôco encravado!

Esses continuam em côrtes pedindo o inquerito como as creanças a *Emul-são de Scott*...

## Ao povo

### O eterno crucificado

Na cruz da fome estás crucificado;  
Do peito o sangue jorra em borbotões;  
Pregado como Christo entre ladrões  
A' ordem d'um algoz já entrevado.

Condoam-se do pobre condemnado;  
Apeiem-no da cruz, ó corações;  
Desprezem as vaidades e paixões  
E salvem este justo espoliado.

Que no sepulcro se mettido fôr  
De lá resurja forte, vingador,  
Levado sobre as nuvens da Verdade

E vá a todo o mundo annunciando  
Em canticos de gloria, triumphando  
O hymno redemptor da Liberdade.

STYL.

## Quem adivinha...

Quasi todos os jornaes chucham com a policia por não ter descoberto o homem do chapéu pardo.

São injustos.

A culpa não é da policia.

Se ainda ninguem lhe mandou dizer onde o homem está!!!

## Cousas biblicas

Fez Deus o mundo á vontade  
P'ra nos causar arrelia,  
Mas a luz, diz certo abbade,  
Só fez no ultimo dia.

Razão é das amarguras  
Que o mortal trazem absorto:  
Fez este mundo ás escuras,  
Por isso sahiu tão torto...

LÁ CONICO.

Um admirador do Mattos do Pe-lourinho incita os catholicos a que se affirmem *reaccionarios* no verdadeiro e elevado sentido do termo, pois «não ha palavra que mais os deva orgulhar.»

Que lhes faça bom proveito!  
Mas então o classificativo de *thal-lassa* é menos significativo?

## Não negue...

O *Pavoroso* Coutinho sempre abi-chou uma pasta!

Que contentamento... *varinal*...  
Não é verdade, seu maganão?

## Mais um momento...

A judicaria está quasi, quasi, a prender o homem do chapéu pardo.

Só falta para proceder á captura... que lhe digam onde o gajo pára.

Depois é um instantinho...

## Passes... de peito

Algés, domingo, 4 de abril.

Não ha nada mais seguro que o Segurado!

Conseguiu um dia lindo com o tempo *seguro*, as *massas seguras*, seguros elementos, artistas seguramente accetaveis, segurança nos porteiros, segurissimo em tudo o nosso querido Segurado.

Aliás tem a sorte de andar sempre pelo seguro, o que, n'uma época de crises, é não só muito accetavel como até muito louvavel.

Vamos á corrida.

Se não foi em regra o que se chama uma corrida á antiga portugueza (porque isso só existiu nos tempos aureos do Vimioso, Castello Melhor, marquez de Bellas e outros) em todo o caso cumpriu o cartaz o melhor que lhe foi possivel.

Especializando Victor Marques, que apesar das emprezas se não lembrarem d'elle, mostrou vontade de agradar e sobretudo taes conhecimentos de equitação, que nem todos que se dedicam á arte de Marialva o egualam na forma brilhante com que esse rapaz sabe mandar um cavallo.

Da gente de pé não houve razão de queixa.

Parabens ao Segurado!

O espectáculo não foi mau. Principalmente aquella surpresa final! Em vez de haver um boi para os curiosos, como o publico desejava, pois tentou abrir a porta a um *cornupeto*, em vez do bicho sahiu-lhe um policia á arena que se fartou de os correr á bordoadá.

Foi a surpresa da tarde,  
O mais bonito trabalho,  
Um Argos fazendo alarde  
Da destreza de chanfalho.

ZÉ DA HERDADE.

## Do Ralmeida

MOTE

O Vicente do Buraco,  
O côrvo, filho de Diós,

GLOSA

Entornou-lhe o Lima o sacco  
Para o fazer afinar  
E de facto fez berrar  
O Vicente do Buraco.  
Deu a valer o cavaco,  
Rir nos fez a todos nós.  
Quando ouviu uma voz  
Que era a do amigo Fialho  
Se calou que nem um alho  
O corvo, filho de Diós.



## Se ha

Perguntam-n'os se no ministerio ha homens de valor.

Ha!

O Alarcão no estrangeiros, o Lulú que leva em gosto satisfazer toda a gente, nas obras publicas!

O Telles das pelles, do Cabreira e do reinado de D. Fernando...

O resto é nullidade...

## Não péga!

Ora sendo o Alarcão fraquissimo em idiomas estrangeiros, não sabendo dar á lingua em portuguez correctamente, por que lhe deram a pasta?

— Por que conhece os Paizes Baixos, diz-n'os do lado um collega:

Pode ser, mas não acreditamos!



## Ao catita Fernandes (photographo)

Queria dar-te uma lembrança,  
Pois que sempre te fui grato,  
Queria offertar-te um retrato,  
Mas dar-te uma coisa tua,  
Razão tinhas p'ra afinar!...  
Para tu me pôres na rua  
Quando os fosse lá... buscar!  
Tenho em casa uns *souvenirs*,  
Quiz um escolher p'ra te dar  
Mas p'ra quê, p'ra tu te rires?  
Que fique onde deve estar.  
Dar-te um aperto de mão?  
P'r'ó tomares em reinação...  
P'ra afinares 'inda commigo!  
Darei-te um *chi-coração*  
Cumprindo a obrigação  
De *unháca* amigo!

DR. SULIPANTA.



## Arthur Ribeiro (*Pichirrinée*)

Ao seu anniversario natalicio  
em 16 de abril

✦ Sexta feira — Santa Engracia

E' dia santo cá na redação  
Na sexta feira proxima futura,  
E, p'ra se comer carne com fartura,  
Arranja-se uma bulla de tostão.

*Pichirrinée* amigo e bom ratão  
Faz annos, o que é sempre uma tórtura,  
Porém o que nos dá grande ventura  
E' dar-lhe um grande *chi, chi-coração*.

N'esse dia nasceu de santa Engracia,  
Elle que é realmente um rei da *gracia*,  
Mas graça portugueza sem quebrantos,

Um bohemio, folgazão e na *prumada*.

Recebe os parabens da rapaziada  
E d'aqui a dez annos... outros tantos.

(Por todos os collegas.)

ORLANDO.

## Theatradas

Antehontem de manhã, quando o nosso primeiro somno ainda estava em meio, duas campainhadas vibrantes e rudes fizeram-nos acordar sobresaltados.

— Arre que é bruto! gritámos estremunhados, suppondo que fosse o padeiro ou o leiteiro. D'alli a pouco, afficta e pallida, entrava-nos no quarto a Balbina, que é nossa criada de todo o serviço e dizia-nos arrependendo-se:

— Ai, senhor! Que desgraça! Estão alli dois homens... ih, ih, ih!... á sua procura... ih... ih... ih!... que veem para o senhor se bater... ih ih ih... ih!...

— Que dizes, rapariga? bradámos, saltando da cama tal qual estavamos e procurando á pressa as ceroulas que estavam aos pés do leito.

— E' verdade senhor! ih... ih... ih...  
— Não chores e manda entrar. Não sei o que é, mas eu não tenho medo!... Tu sabes lá quem sou?!...

Com o lenço encharcado e aos fungões, a Balbina sahiu e nós vestimo-nos á pressa. Ao entrar no gabinete de nos serve de sala e... de tudo, deparámos com dois individuos, cara de mata-mouros, a quem cortejámos.

— A que devo o prazer de...

— O sr. deve uma reparação pelas armas á sua vizinha Raymunda e á sua gentil filha pelo que escreveu no ultimo numero do *Xudo!* berrou um.

— O sr. tem de bater-se, esganiçou o outro em voz de flautim.

— O' srs., então eu hei de bater-me com a mãe e com a filha? Isso não póde ser, é demais para um homem fraco como eu. Depois... parece mal.

— Já não é o primeiro exemplo, concordaram os dois.

— Não é, não. Ainda hontem em D. Maria quando eu estava a vêr a linda peça *A pista*, me contaram que havia um titular que era avô do proprio filho.

— Não vimos aqui para graças, ululou o mata-mouros. Isso é bom para o *Gymnasio* que com as suas hilariantes comedias faz rir todo o mundo.

— O caso é serio, chiou o outro, mais serio que um drama do Principe Real.

— Onde vae agora o *Envelhecer*, de Marcelino Mesquita, bem sei. Mas como querem os srs. que eu me bata, se estou extenuado de ir todas as noites ao

D. Amelia vêr a bella e distincta actriz Tina di Lorenzo e a magnifica companhia que a acompanha e estou já á espera da reaparição da companhia portugueza?

— Tem que dar uma satisfação, retirar tudo o que escreveu ou então... trouxejou o primeiro barbaças.

— Ou então... apoiou o segundo.

— Olhem, meus senhores, eu a respeito de bater-me só com meio bife, com uma pequena boa, ou um copo de giripiti.

Mas chegaremos a um accordo.

Logo á noite espero-os na Trindade, onde vou vêr uma das ultimas da bella opera a *Serrana* que vae ceder o logar á operetta *Viuva Alegre* que sobe á scena na proxima sexta feira.

Não calculam o que o gosto de musica. — Pois então bata-se, que é musica de pancadaria.

— Bato me mas é d'aqui a pouco com o almoço e vou ao

*Colyseu dos Recreios* vêr o que vae amanhã pela bella companhia de opera italiana que o nosso amigo commendador Santos arranjou e que é dirigida pelo nosso conhecido Giovannini.

— Não vae tal. Ou declara que retira por escripto ou bate-se amanhã por estas horas.

Nomeie testemunhas. As nossas constituintes já escolheram as armas. A mãe é á dentada a filha aos beliscões. Está decidido.

— O' homem, vocês parece que vão *A nove*, como a esplendida revista de Souza Bastos que vae no

Avenida e que tem dado enormes enchentes!

— Não troce nem ria, que depois chora, ganhi a segunda testemunha.

— Vocês põem esta casa que parece o cartaz da

Rua dos Condes. E' uma *Pavorosa*.

— Então o que decide? Já.

— Sempre estás com uma pressa... Vá lá. Retiro o que disse da D. Raymunda. Ella não despeja bolsas nem nada.

Emquanto á filha, bato-me com ella mas ha de ser a... beijos. Depois pode dar-me o seu beliscão, mas ha de ser devagarinho.

— Vamos *parlamentar* e voltaremos, disseram em côro e sahiram.

Desdobrámos um jornal da manhã, *A Vanguarda*, dando um suspiro de alivio e lemos que reabriu o

*Colyseu de Ishoa* da rua da Palma com uma bella companhia de variedades e um bello animatographo e que são permanentes as estreias e novidades no:

Casino e oile da Calçada da Estrella, bem como no elegante *Salão do Kocio*.

De repente a Balbina, esfregando os olhos, veio dizer-n'os de mão na ilharga:

— Então o patrão sempre se bate?

— Sim. Mas é com a pequena e a beijo-

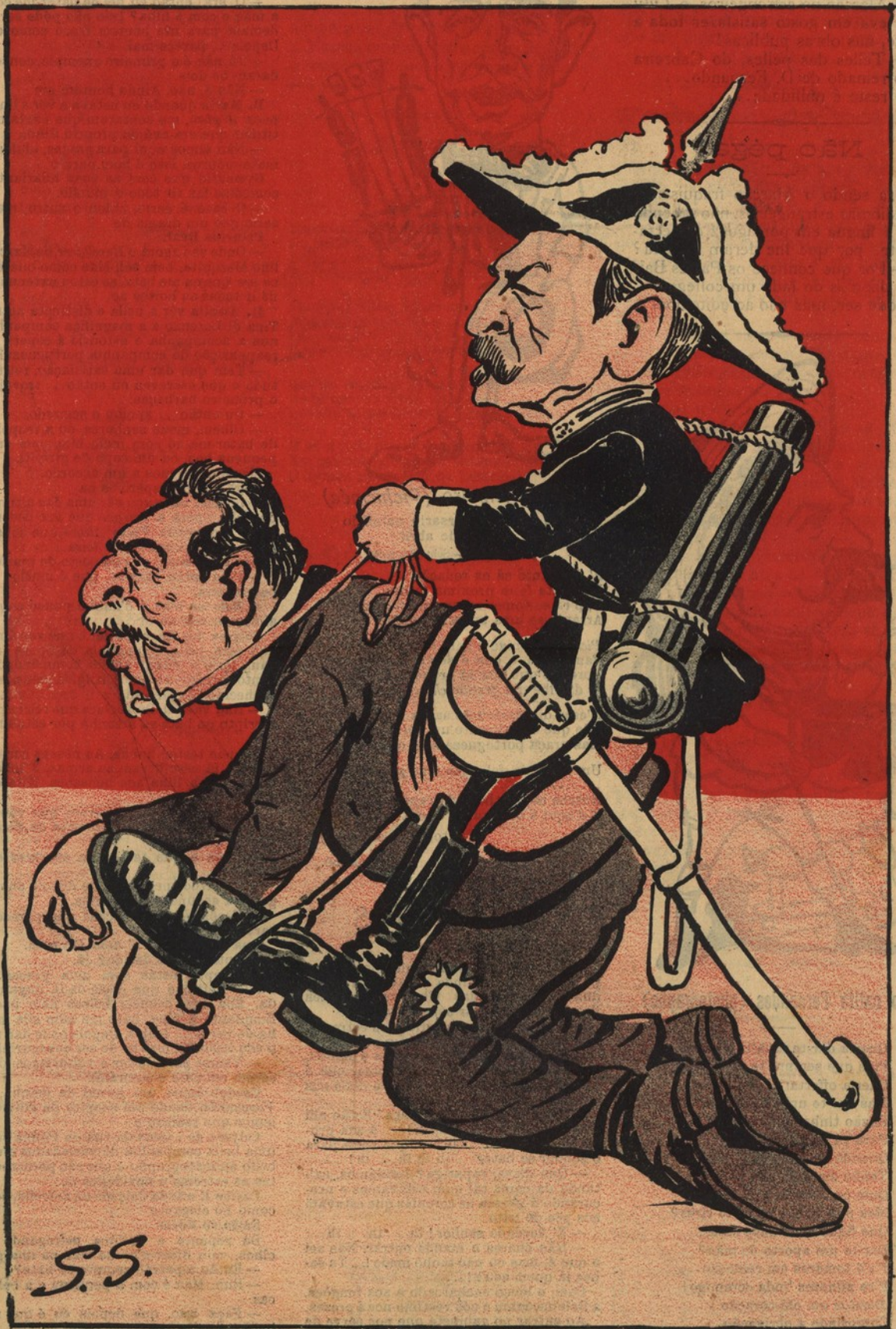
cas.

— Faça isso, que depois eu é que me bato com ella a... bofetadas!

REPORTER.



QUEM FICOU POR CIMA !



VILHENA NÃO TE ARREPELLES  
DE SER'S MONTADO PELO TELLES